

## 10 perguntas para **RUBENS CYSNE**

**A** Escola de Pós-Graduação em Economia (EPGE) da Fundação Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro, comemora 50 anos, no dia 12. Das salas da EPGE saíram alguns dos principais mentores da política econômica do País. Mário Henrique Simonsen e João Paulo dos Reis Velloso são alguns exemplos do apogeu da instituição que continua um centro de excelência, porém sem a influência do passado. O diretor da EPGE, Rubens Cysne, falou a **DINHEIRO** sobre o meio século de vida da instituição e dos desafios futuros.

**DINHEIRO – Com a inflação sob controle, qual é o papel do economista nos dias de hoje?**

O ponto nevrálgico que temos hoje é conciliar crescimento e desenvolvimento. Nos anos em que estávamos envolvidos com a inflação, não tínhamos recursos nem gente para pensar no longo prazo. Hoje temos. Então, o papel do economista é buscar respostas para este desafio.

**DINHEIRO – O trabalho hoje seria mais teórico?**

De jeito nenhum. Para crescer precisamos de investimentos. Para investir é preciso poupar. O diagnóstico é fácil. O desafio a responder é: como faremos isso? Temos que pensar em instituições que garantam justiça, os direitos adquiridos. Esse pensamento vai garantir o desenvolvimento sustentável, a otimização de recursos. Tanto financeiros quanto naturais. Isso não tem nada de teórico. É bem objetivo.

**DINHEIRO – Essa agenda tem de ser encabeçada pelo Estado?**

Quando digo que temos de pensar as instituições, estou falando de um conjunto de regras claras e bem definidas que permanecem, independentemente de governo. São parâmetros de Estado, de nação, e não de governo. E por que isso é importante? Para dar às pessoas condições de investir.

**DINHEIRO – A FGV de São Paulo é mais voltada para a formação profissional para a iniciativa privada e a do Rio à pesquisa acadêmica?**

Não concordo. A EPGE tem essa participação na vida econômica

do País porque surgiu num período em que o Brasil tinha problemas com a inflação alta.

**DINHEIRO – Talvez seja a escola com mais nomes na vida pública.**

Dos anos 90 para cá, a EPGE se concentrou na inserção científica e acadêmica. Nosso objetivo é prover pessoas que possam solucionar os problemas da sociedade.

**DINHEIRO – É uma escola mais voltada para a vida acadêmica?**

Sim, mas o que estou dizendo é que não cabe comparação entre Rio e São Paulo. Nosso foco é a internacionalização; fazer com que essas pessoas estejam na fronteira do conhecimento. E São Paulo também se rege por este princípio.

**DINHEIRO – Qual é o grau de internacionalização da EPGE?**

Queremos que os professores publiquem nos principais jornais científicos do mundo e eles são avaliados nesse quesito. Estamos em sintonia com o pensamento global. Hoje, todos os países emergentes têm essa preocupação.

**DINHEIRO – Que momento o sr. destaca nestes 50 anos?**

A EPGE teve atuação muito forte no Plano de Ação Econômica do governo Castelo Branco (1964 - 1967), que foi o primeiro plano de combate à inflação bem-sucedido. Tivemos nomes aqui como o dos ex-ministros Mário Henrique Simonsen, João Paulo dos Reis Velloso, Francisco Dornelles e tantos outros.

**DINHEIRO – Mas a presença na vida pública tem diminuído.**

Tivemos Joaquim Lévy, que foi secretário do Tesouro, Sérgio Werlang, que foi diretor do Banco Central, e tantos outros nomes na história recente.

**DINHEIRO – Quais planos econômicos saíram da EPGE?**

Nossa participação sempre foi intensa. Como no Paeg que trouxe a metodologia de reajuste dos salários pela média, que depois foi muito usada, inclusive no Plano Real, com a Unidade Real de valor, a URV.



*“O ponto nevrálgico que temos hoje é conciliar crescimento e desenvolvimento”*